

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Paula Lopes	

Capítulo I ANGOLA

Educação para os <i>media</i> em Angola: um estudo de caso em escolas da província de Luanda	13
Alexandra Lopes	

Capítulo II BRASIL

Educomunicação no Brasil: um estudo sobre o consumo de informação digital de estudantes da UFLA (Universidade Federal de Lavras – MG)	55
Dayse Alfaia	

Capítulo III CABO VERDE

Alfabetização mediática e digital em Cabo Verde. O projeto WEBLAB	107
Anícia Moreira	

Capítulo IV
GUINÉ-BISSAU

Literacia mediática na Guiné-Bissau 135
João Pupo Correia

Capítulo V
MOÇAMBIQUE

Educação para os *media* e literacia mediática
em Moçambique 157
Isabel Pestana Marques

INTRODUÇÃO

Paula Lopes
Universidade Autónoma de Lisboa/LabCom/NIP-C@M
plopes@autonoma.pt

A promoção da educação para os *media* (EpM) e a necessidade de estimular e reforçar as competências de literacia mediática (LM) dos cidadãos – sejam crianças, jovens ou adultos – têm vindo a assumir uma importância inegável na contemporaneidade, muito em particular nos países ocidentais. A EpM, há muito consagrada, nacional e internacionalmente, como um direito fundamental, um requisito para incrementar a participação social e a cidadania ativa, plena e responsável, ganhou protagonismo (e pulsão) ao nível de políticas públicas dado o seu reconhecimento enquanto fator estratégico na formação de (bons) cidadãos, na redução de desigualdades e na construção e consolidação de uma sociedade democrática, livre e inclusiva. Em Portugal, a publicação da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (2016), do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (2017) e a aprovação do Plano Nacional de Literacia Mediática (2023) são inequívocos exemplos da identificação da sua importância. Também os projetos e iniciativas, oriundos da Academia ou da sociedade civil, se têm multiplicado nos últimos anos (sublinhem-se, por exemplo, os recursos educativos que resultaram dos projetos MILD – Manual de Instruções para

a Literacia Digital, PICCLE – Plano de Intervenção Cidadãos Competentes em Leitura e Escrita ou COMEDIG – Competências de Literacia Digital e Mediática em Portugal) e a educação para os *media* e a literacia mediática passaram a integrar, ainda que de forma muito incipiente, a oferta formativa em escolas de Ensino Básico e Ensino Secundário e, de forma mais robusta e completa, em instituições de Ensino Superior, públicas e privadas, ao nível das licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

É justamente de um repto lançado numa unidade curricular, «Literacia Mediática no Universo CPLP», ministrada no Doutoramento em Media e Sociedade no Contexto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa na Universidade Autónoma de Lisboa, que nasce este livro. Aos autores dos cinco capítulos que o compõem, todos eles doutorandos na UAL – e que serão apresentados nesta breve introdução –, prestamos o nosso reconhecimento, tal o empenho e profissionalismo com que abraçaram o desafio. Também não podemos deixar de agradecer ao conjunto de reconhecidos académicos e formadores que, em aulas abertas, connosco partilharam conhecimentos, experiências, vivências: Sandra Mainsel (Angola), Cristiane Parente de Sá Barreto (Brasil), Silvino Lopes Évora (Cabo Verde), Pedro Coutinho (Ser Mais Valia – Associação para a Cidadania e Desenvolvimento: Guiné-Bissau) e Celestino Joanguete (Moçambique).

A obra, organizada em cinco capítulos ordenados alfabeticamente, vem colmatar uma lacuna no mercado editorial português, já que são residuais os estudos acerca de educação para os *media* e literacia mediática no universo dos países da CPLP. A sua oportuna publicação impõe mais alguns agradecimentos: aos Senhores Administradores Reginaldo Rodrigues de Almeida e Fernando Martins e, naturalmente, às editoras Raquel Cabeças e Laura Santos.

Breve biografia de cada autor:

Alexandra Lopes integra a Direção de Serviços de Ensino e Escolas Portuguesas no Estrangeiro, na Direção-Geral de Administração Escolar. Desempenhou funções na Comunicação do Plano Nacional de Leitura (PNL2027), entre 2019 e 2023. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – variante Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH) e mestre em Estudos Portugueses – Literatura Portuguesa Contemporânea pela mesma instituição de Ensino Superior.

Capítulo: Angola

Dayse Alfaia é mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Nova de Lisboa, licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros, no Brasil, país de origem. Com experiência em alguns países da CPLP, como Moçambique e Cabo Verde, em Angola atuou como coordenadora pedagógica e professora assistente em universidades. Em Portugal, como linguista, participou em congressos, nos quais fez comunicações sobre Discurso Político, resultando em publicações como o livro *Como argumentam os políticos? Estratégias linguísticas e discursivas* e, em coautoria, *Inquietações do texto e do discurso: interpelações debates e embates*. Atualmente, dedica-se à investigação sobre o Colorismo – uma modalidade do racismo, na sociedade portuguesa – sendo autora do site www.alfacolorismo.pt.

Capítulo: Brasil

Anícia Moreira nasceu no dia 25 de abril de 1994 em Santa Catarina de Santiago, Cabo Verde. Concluiu a Licenciatura em Relações Públicas e Secretariado Executivo na Universidade de Cabo Verde, em 2017. Em Portugal, concretizou um Mestrado em Comunicação Estratégica, Publicidade e Relações Públicas, na Universidade da Beira Interior.

Capítulo: Cabo Verde

João Pupo Correia é realizador, argumentista e produtor. A ligação aos países africanos de língua oficial portuguesa tem sido uma constante na sua vida, dada a coordenação, nesses países, de atividades juvenis e atividades profissionais relacionadas com o cinema. Na Autónoma lecionou «Comunicação Visual» e «Atelier de Criatividade Publicitária e Edição Multimédia». É licenciado em Realização, pela Escola Superior de Teatro e Cinema, e mestre em Comunicação Aplicada pela UAL. Tem o título de Especialista em Audiovisuais e Produção dos Media pela Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, onde também é professor.

Capítulo: Guiné-Bissau

Isabel Pestana Marques é docente de ensino público (adultos), pertence à Direção e à Comissão Pedagógica da Associação de Professores de História, sendo responsável pelos projetos dirigidos à população adulta não universitária no Plano Nacional de Leitura 2027. Licenciada em História e mestre em História Contemporânea pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, integra o Instituto de História Contemporânea da mesma instituição. Investigadora de História Contemporânea e de Comunicação, com estudos em história militar, política e do quotidiano, e em literacia mediática e educação para os *media* da população adulta. É membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar e delegada portuguesa do Comité de Educação da Comissão Internacional de História Militar.

Capítulo: Moçambique

Um bem-haja a todas e a todos que tornaram este projeto possível.

A coordenadora,

Paula Lopes

CAPÍTULO I

ANGOLA

Educação para os *media* em Angola: um estudo de caso em escolas da província de Luanda

Alexandra Lopes
Universidade Autónoma de Lisboa/NIP-C@M

Introdução

Este capítulo reflete acerca do papel da educação para os *media* (EpM) no exercício da cidadania dos jovens angolanos. O conceito de educação para os *media* pode aqui ser entendido como um processo pedagógico que procura capacitar os cidadãos a viverem de forma crítica e interventiva a «ecologia comunicacional» dos nossos dias. Visa «aproveitar os recursos e oportunidades que os meios e redes de comunicação facultam para enriquecer o desenvolvimento pessoal e social, de modo que cada pessoa possa conviver, aprender e trabalhar com mais qualidade» (DGE, 2014). Lembramos que a educação para os *media* é central no desenvolvimento das futuras gerações angolanas enquanto ferramenta para a construção de uma cidadania global, ao preparar os jovens para responderem de forma criativa, crítica e colaborativa aos desafios atuais e futuros.

Num primeiro momento, destacamos diversos estudos prévios e identificamos as especificidades da EpM em Angola. Seguir-se-á uma breve caracterização da participação social dos jovens e um olhar mais

aprofundado para o consumo digital dos mesmos, entre os 15 e os 24 anos – o nosso objeto de estudo. Para esta reflexão, analisamos as entrevistas realizadas a professores que lecionam em escolas portuguesas no estrangeiro (EPE) e 26 inquéritos aplicados a alunos que frequentam ou frequentaram escolas públicas e privadas em Luanda¹.

Registamos, ainda, algumas experiências, ações ou projetos adequados à operacionalização da educação para os *media*, como «Internet que Kuia», «Juventude Digital» e «Escola Virtual Xilonga», e o programa televisivo «TPA Ciência», entre outros.

Relativamente à metodologia, tendo em conta a natureza do trabalho, elegemos o estudo de índole exploratória como estratégia de pesquisa.

Pertinência

Com a generalização do uso de dispositivos móveis e o aumento de áreas com acesso gratuito à internet, as tecnologias digitais estão cada vez mais presentes no quotidiano dos cidadãos angolanos. Considerando que a maioria dos jovens acede a conteúdos digitais através de dispositivos móveis², existem «necessidades básicas ao nível da alfabetização e formação de todos os cidadãos, por forma a atenuar os riscos e formas de exclusão social» (Pereira, 2010).

A escola é o espaço privilegiado para promover um uso esclarecido dos *media*, enquanto espaço onde os jovens podem desenvolver competências de participação cívica. Tendo em conta que o uso da

¹ Alunos do Colégio S. Francisco de Assis e alunos de escolas públicas em Luanda.

² Num contexto em que o uso dos telemóveis tem vindo a crescer. Esta utilização traz implicações como, por exemplo, a infraestrutura da rede móvel, a acessibilidade a dispositivos mais recentes, a limitação das conexões móveis e dos dados que resultam, frequentemente (de acordo com as entrevistas realizadas no decurso deste trabalho), em uso limitado da rede móvel ou em velocidades de ligação mais baixas e que impedem, por exemplo, o *streaming* ou os vídeos com maior definição.

tecnologia nas escolas está desfasado do uso feito pelos jovens fora da escola, é necessário um novo olhar sobre a cultura digital destes (Buckingham, 2009, p. 27), com vista ao exercício de uma cidadania ativa e democrática (Ferreira, 2005; UNESCO, 1982; UNESCO 2007; Cazalma *et al.*, 2013) e global (Cunha, 2022, p. 187). Nesta sociedade em transformação³, parece-nos essencial compreender o papel da educação para os *media* na construção de uma cidadania global e refletir sobre os ensejos de utilizar as novas tecnologias para expandir redes, oportunidades e promover a inclusão. As potencialidades das tecnologias na educação são reconhecidas e estão presentes nos documentos estruturantes do sistema educativo angolano. A oportunidade de envolver os jovens nesta aprendizagem é tanto mais relevante num contexto atual de mudança do sistema educativo angolano, isto é: incentivar a formação contínua de professores (Poças-Santos, 2020, p. 80), ampliar a rede escolar (Lopes *et al.* 2022, p. 147), diminuir assimetrias tecnológicas (UNICEF, 2017, p. 2), contrariar a tendência para o abandono escolar, principalmente entre as raparigas (UNICEF, 2017, p. 6).

Tendo em conta os dados apresentados pelo United Nations Population Fund/Angola, segundo os quais os grupos etários dos 0-14 anos e dos 15-24 anos de idade correspondem a cerca de 65% da população residente⁴, o aumento de acesso aos meios de comunicação digitais coloca aos jovens⁵ crescentes desafios de «consciencialização, capacidade de prevenção e resiliência face à desinformação». Face ao rápido crescimento populacional, por um lado, e ao desemprego jovem, por outro, investir na educação para os *media* e, assim, garantir o acesso a uma aprendizagem crítica digital (UNESCO, 2023, p. 220; Declaração de

³ Dados do World Bank. <https://www.worldbank.org/pt/country/angola/overview>.

⁴ Dados disponíveis em United Nations Population Fund/ Angola. <https://angola.unfpa.org/pt/topics/jovens-e-adolescentes>.

⁵ «Increase awareness, capacity for prevention and resilience to disinformation and misinformation, as appropriate», UNESCO (2021). *Media and Information Literate Citizens: Think critically, Click Wisely (Second Edition of the UNESCO Model Media and Information Literacy Curriculum for Educators and Learners)*, p. VI.